

## **Festejar e partilhar: inter-relações nas comemorações juninas em Cruz das Almas BA.**

ADRIANA DA SILVA OLIVEIRA\*

Nos festejos de São João na cidade de Cruz das Almas-BA, evidenciamos inúmeros elementos festivos que compuserem uma multiplicidade de práticas sociais e culturais dessa comemoração, estes elementos se constituíram como indissociáveis da vida dos participantes dessa festa. Dentro de um universo de plurais significados evidenciaram-se os sujeitos sociais que se destacavam pela produção pirotécnica, um dos elementos festivos mais significativos desse festejo.

Os sujeitos denominados Espadeiros construíram uma nova dinâmica nesta festa, principalmente pela forma como passaram a fabricar os fogos para o São João. Herdeiros das antigas tradições produtoras, apropriada dos antigos fogueteiros, os espadeiros se diferenciavam destes no processo de fabricação. Os fogueteiros produziam o artefato com taboca, um bambu de pequeno calibre e usavam pouca pólvora desta forma era menos perigoso para os “tocadores” dos fogos. Os novos espadeiros utilizavam o bambu de diâmetro mais largo, maior quantidade de pólvora, para aumentaram propulsão, adicionaram variados elementos químicos. O segmento espadeiro apresentava características peculiares por agregar ao seu título uma variedade de praticantes que se identificam nas relações de produção e consumo. Os espadeiros-produtores e os espadeiros-consumidores eram categorias que, mesmo partilhando similaridades, se diferenciavam quanto ao posicionamento e função na dinâmica dos festejos juninos da cidade.

A categoria de espadeiros relacionada à produção se referia especificamente aqueles sujeitos que exerciam apenas a função da fabricação dos artefatos. Sua distinção incidia na capacidade de conhecimento das especificidades no manejo da fabricação de espadas, sendo responsável por desenvolver as tecnologias de produção, bem como executá-las. Centenas de homens, que no período do São João, e principalmente antes dele, dedicavam horas de seu dia

---

\*Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, Santo Antonio de Jesus-Ba.

para trabalhar na produção de uma quantidade significativa dos fogos. Esses espadeiros vinculados à produção se instruíram do ofício através de ensinamento dos antigos detentores do conhecimento de fabricação.

Seu Mundinho, um dos espadeiros mais antigos e requisitados da cidade, em suas memórias ressalta que o aprendizado sobre a fabricação das espadas dava-se através da informalidade, através da curiosidade de muitos jovens que se encantam pelo uso do artefato, ou mesmo por aqueles sujeitos que, não possuindo uma colocação no mercado de trabalho, daí assumiam a fabricação como profissão.

Na condição de um dos produtores mais antigos, ele observava que não havia muita dificuldade em aprender o ofício, os que queriam tinham apenas que se dedicar a produção e mesmo que o sujeito não tivesse recurso para fazer sua própria produção, podia se estabelecer como “ajudante” de um produtor já experiente. Assim, os aprendizes começavam a se instruírem com estes antigos fabricantes para posteriormente dar início a sua própria fabricação, o espadeiro aponta que não havia dificuldades na aprendizagem: “[...] cada um chega, na minha ou na tua casa que está fazendo fica de olho e pergunta, mas lá o objetivo é querer fazer, querer anotar, sai com as bombas deles, até se aperfeiçoar, outro sai e vem trabalhar aqui comigo pega um pouquinho e se manda” (FERREIRA, 2012).

Através dessa transmissão de conhecimento feita na oficina, local de trabalho, através da vontade de aprender ou da necessidade financeira, foi que a fabricação das espadas se disseminou pela cidade, sobretudo entre o final da década de 70 e durante os anos 80 do século XX. Seu Mundinho nos relata que, antes do aperfeiçoamento da técnica de produção, muitos aprendizes “saem com suas bombas”, o que significa dizer que muitos deles, antes de chegarem a uma produção de artefatos de qualidade, produziram muitas espadas que explodiam ou não funcionavam, certamente por não possuírem o domínio suficiente da técnica especializada. Esse entendimento, apresentado por Seu Mundinho, sobre a produção de espadas lhe confere um posicionamento quanto ao lugar e espaço, assumido pela geração de espadeiro da qual ele fazia parte. Em sua perspectiva, a produção do artefato estava

diretamente ligada a um padrão de qualidade esperado para os fogos, essa ética da forma de produção o distinguia dos grupos posteriores que se interessavam mais pela ampliação das vendas, retorno financeiro, divertimento, emoção, adrenalina e pelo ganho de visibilidade.

Os produtores se diferenciavam entre aqueles que tinham a fabricação própria e aqueles que se estabeleciam como auxiliares dos primeiros, na função de ajudantes, pelo fato deles não possuírem capital técnico e financeiro para aquisição do material destinado à produção das espadas. Não eram todos que se dispunham a produzir o artefato, afinal produzi-lo demandava um investimento financeiro que muitas vezes não estava ao alcance de todos, tais custos eram sentidos até mesmo por grandes fabricantes, que reclamavam do encarecimento de materiais, levando-os a se desestimularem da produção:

A guerra de espadas que é uma travada todos os anos no São João de Cruz das Almas, se achou ameaçada. Esta tradição pode ter sido iniciada no outro século, mas devido ao alto preço da matéria prima, está fazendo com os fanáticos pelo citado fogo de artifício percam seu interesse pelo fabrico para posterior queima.

O grupo do Sr. Dinho, disse que no ano passado queimaram mais de 100 dúzias, mas que este ano a quantia será reduzida para aproximadamente 20 dúzias. Luiz de Dijá, outro grande espadeiro cruzalmense que soltou 70 dúzias no ano passado este ano não fez nenhuma até o presente momento (Jornal do Planalto, 1981).

A compra da matéria-prima era um dos entraves que ocasionalmente restringia a fabricação do artefato e como consequência, gerava a diminuição na produção. Entretanto, mesmo com pouca quantidade e aumento do preço do material, os fabricantes não deixavam de fabricar as espadas, apenas reduziam a quantidade da produção. A preocupação com o número da produção estava também voltada para o fato de que a maioria desses espadeiros-produtores destinava grande parte da fabricação para a venda, alterando a fabricação consequentemente diminuía o número de vendas.

Como acresce o Sr. Herbal Sampaio, em depoimento ao *Jornal do Planalto*, “[...] todos que fazem espadas, sempre vende uma quantidade para compensar as despesas, mas como estes preços elevados tornam-se difícil vender qualquer quantidade” (Jornal do Planalto, 1981).

Esta produção destinada para a venda aumentava significativamente em Cruz das Almas, no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, levando a fabricação de espada ser considerada uma profissão informal. A produção do artefato demandava muitas horas de dedicação de sujeitos que, por meses, se especializavam nesse ofício, muitos deles até mesmo abdicavam temporariamente de suas profissões formais para trabalhar na produção do artefato.

José Pinheiro da Rocha, 55 anos, conhecido como Zé Lagoa, possui a profissão de eletricitista, mas dividia seu serviço formal com a de espadeiro. No período dos festejos juninos, relata que, quando fabricava as espadas para a venda tinha uma rotina desgastante por se deslocar de seu lugar de trabalho, que ficava na entrada da cidade, para o espaço onde produzia o artefato, que ficava a vários quilômetros de distância. Segundo ele, enfrentava essa desgastante rotina com o objetivo de aumentar a renda da família, assim como dar continuidade ao conhecimento sobre a produção. Outro fator que ocasionava muito desgaste era a força de trabalho empregada na fabricação da espada, pois demandava muito esforço físico e atenção. Ele relata assim a rotina em sua dupla jornada de trabalho:

Eu já fiz [espadas] com um sobrinho meu que mora na Escola de Agronomia, quando eu fazia lá eram umas trezentas dúzias de espadas, eu saía lá da FUMEX de bicicleta e ia até a Escola de Agronomia, voltava duas, três horas da manhã de bicicleta pra aqui, tomava o banho dormia, nem dormia direito, acordava e ia trabalhar, tinha dia que você tava lá... Isso há dez, vinte anos atrás, hoje que eu não faço mais isso ( ROCHA, 2012).

Essa rotina sobrecarregada de trabalho fazia parte da vida de muitos produtores de espadas, como Zé Lagoa que se esforçava para dividir suas tarefas da profissão formal de eletricitista com a dedicação na produção de espadas, produção essa que pode ser considerada de grande volume de fabricação, o que demandaria muita força manual dos seus produtores. Trezentas dúzias de espadas é o que equivalia a 3.600 unidades desses artefatos que, para a sua produção, necessitavam de grande volume de matéria-prima, sendo elas: bambu, barro, pólvora, limalha de ferro.

A referida matéria-prima tinha que ser retirada, muitas vezes, de lugares ermos, o que, conseqüentemente, levava a quem tinha de consegui-las a adentrar em matagais para buscar bambu na zona rural e entrarem em barrancos perigosos para retirar barro. Nessas circunstâncias ficavam expostos a desmoronamento, como relata Zé Lagoa, “[...] só fui uma vez pra nunca mais em minha vida, tudo de espada é ruim, eu já tirei muito barro, mais hoje um não vou mais, por duas vezes a loca desabou comigo, mas todo mundo do lado de fora, mas quando a gente saiu desabou”, conta-nos o ex-espadeiro sobre sua experiência na aquisição de materiais para o fabrico das espadas.

O Senhor Zé Lagoa ainda relata que cada espadeiro produzia sua pólvora, geralmente adquiriam os materiais em casas comerciais de Cruz das Almas, dentre eles constavam o salitre<sup>2</sup>, enxofre<sup>3</sup> e carvão, estes eram misturados em pilões de madeiras e moídos até virarem um pó uniforme. O cordão de sisal utilizado para enrolar o bambu, a fim de proporcionar uma maior rigidez ao artefato, também era adquirido nas casas comerciais, enquanto que a cera caseira, feita pelos espadeiros para untá-lo, era preparada com parafina, breu, óleo de coco ou de soja.

Feito o recolhimento e organização dos materiais que, por vezes, poderia ser comprado por intermediários, pois nem todos os espadeiros tinham como adquirir de forma legal, partiam para a produção do artefato, realizada através de várias etapas. Sobre essas etapas seu Mundinho recorre a suas memórias para explicar que utilizava “vinte e sete fases diferentes necessárias para produzir uma espada”, incluindo a obtenção dos materiais.

Segundo as suas recordações, depois de recolhido o bambu este devia ser cozido e posto ao sol para secagem, bem como o barro retirado dos barrancos, posteriormente esse barro era amassado e peneirado, estando pronto para ser prensado dentro do bambu. O bambu era

---

<sup>1</sup>Designação vulgar do composto químico conhecido como Nitrato de Potássio.

<sup>2</sup>O enxofre é um sólido amarelo e de odor característico, que ocorre isolado na natureza, em jazidas localizadas em terrenos de origem vulcânica, com alto grau de pureza, acima de 99%. O enxofre é utilizado na fabricação de pólvora, fungicidas, fertilizantes, ácido sulfúrico e na vulcanização de borracha. Disponível em: <<http://www.enxofre.com/enxofre>> Acesso em: 21 mar. 2012.

enrolado com o sisal já encerado, esse processo de encerar era feito nas ruas da cidade, por homens em permanente vai e vem, afixavam o sisal nas árvores das calçadas e passavam o produto – a cera – em centenas de metros desse cordão. Finalizada as primeiras etapas da força braçal, entravam em ação os homens que levavam horas prensando o barro peneirado em uma primeira etapa de prensar; depois vinha uma camada de pólvora e limalha<sup>4</sup> de ferro prensado – o que dava a propulsão e brilho ao artefato – e por último, vinha outra camada de barro prensado no qual se faziam um orifício chamado de broca. Era por meio desta que a pólvora saía em combustão, dando vida e movimento as espadas. Para ganhar essa combustão e impulso, colocava-se então a última e fina camada de pólvora para dar início à queima da espada.

Zé Lagoa destaca que muitas horas eram empreendidas na dedicação da fabricação do artefato. Desta forma, podemos evidenciar que, mesmo sendo uma atividade empregatícia informal, para a produção das espadas deveria existir uma disponibilidade e interesse, pois muitas vezes os produtores eram obrigados a se submeter a condições desgastantes de horas de trabalho.

Alguns espadeiros foram se especializando na produção do artefato, aos fogos eram adicionados alguns elementos químicos que produziam efeitos diferenciados, dentre esses produtos estava o manuseio perigoso do ácido pícrico, nitrato de potássio e sulfato de magnésio que, quando misturados formavam uma massa que era colocada no início da espada para quando fosse acesa produzisse uma espécie de assobio relativamente alto, anunciando que a espada estava por vir, esses artefatos ganharam o nome de espadas de assobio. Seu Mundinho, um dos fabricantes que se especializaram nesta técnica, destaca a utilização destes produtos, sobretudo na década de 1980, pela necessidade de produzir espadas de qualidade que fossem atrativas para o público consumidor, o que contribuiu para a inserção desses elementos ao artefato.

---

<sup>3</sup> Metal fragmentado – geralmente aço ou ferro - em forma de partículas finas. Adicionada a pólvora quando entra em combustão produz um efeito luminoso com chamas metálicas.

Outra mistura de elementos químicos era decorrente da composição do nitrato, clorato e estrôncio, que formavam uma espécie de massa de variadas cores – as mais comuns eram as verdes, vermelhas, amarelas, azuis e fluorescentes – que colocada na entrada da espada, quando acesa, produzia um clarão da cor escolhida, essas espadas foram denominadas espadas Boca de Cor<sup>5</sup>. Importante ressaltar que, embora esteticamente esses artefatos produzissem maior interesse dos usuários, seu custo tornava-se mais elevado para a produção, além de sua manipulação ser muito perigosa. Muitos desses materiais eram adquiridos de forma clandestina, Zé Lagoa ressalta que, “[...] os clandestinos que traz de fora, o pessoal faz a vaquinha e eles traz mais barato, pra ficar mais em conta a coisa, e aí todo mundo vai sobrevivendo” (ROCHA, 2012).

Não apenas a aquisição desses materiais era considerada clandestina, é importante salientar que, devido ao crescimento de produtores dedicados à fabricação de espadas, os lugares que eles elegiam como as fábricas nem sempre eram adequados para a fabricação, geralmente nos fundos de quintais. Nesses espaços era comum a convivência desses espadeiros, em sua maioria, com o dia-a-dia de suas famílias, muitas vezes expondo crianças aos materiais usados no fabrico dos fogos. Se por um lado essa era a forma como muitos jovens começaram a se interessar pela fabricação do artefato, era também o espaço onde eles eram expostos aos perigos da produção como queimaduras, intoxicação, e outros riscos presentes no processo de produção.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a produção das espadas cresceu de forma desenfreada na cidade. Centenas de casas, durante o período junino, tinham que comportar a rotina do dia-a-dia das famílias de produtores com as mini-fábricas instaladas nos quintais e, algumas vezes, no interior das residências, provocando muitas vezes, acidentes e alternado a dinâmica social na rotina das famílias.

---

<sup>5</sup> Para mais informações ver: Projeto de mapeamento cultural e paisagístico da Bahia. Bahia Singular e Plural: **As espadas de fogo de São João**: perigo, luzes e magia em Cruz das Almas / [Gravação de Vídeo]: realização IRDEB/ TVE Direção e edição de Ângela Machado; roteiro Doris Pinheiro. Documentário. Salvador: IRDEB / TV Educativa da Bahia, junho de 1998.

Na produção desses fogos era preciso se dedicar um trabalho árduo e laborioso por ser necessária muita força física e horas de empenho. Além dessas características, os fatores de risco resultavam em muitos acidentes envolvendo os próprios fabricantes, como explosões, ferimentos nas mãos devido ao constante atrito com o sisal, exaustão por terem que ficar horas a fio socando o barro e a pólvora manualmente no bambu, com pequenas marretas feitas de madeira e um pedaço de metal. Para finalizar o processo apenas era acrescentado um pedaço de papel laminado, para dar uma estética e padronizar o artefato.

Os produtores antigos das espadas relatam que estes fogos eram feitos de forma menos agressiva, com salientou o senhor Agenor Sampaio, antigo fogueteiro da cidade, ao apontar que as espadas de hoje são de calibre maior, feitas sem arte, e que as pessoas preferem se ferir. Essa arte refere-se a um saber, domínio técnico que se assentava na produção para a diversão. As espadas eram feitas praticamente de modo artesanal, as etapas da fabricação geralmente não eram subdivididas, cada artefato era confeccionado em todas as etapas por uma única pessoa, não havia divisão de tarefa. Posteriormente, quando a produção passou a ser feita em larga escala para a comercialização, fizeram com que essa dinâmica na produção fosse subdividida e cada fabricante se responsabilizasse por uma etapa da fabricação. Essa demanda pelo artefato levou muitos produtores a inventarem máquinas que dinamizavam e aceleravam a produção, eram invenções feitas da criatividade desses espadeiros que aproveitavam motores de automóveis, embreagem de carro, moinhos de feno de animais, roldanas dentre outros, para serem os novos instrumentos de fabricação de espadas.

Senhor Mundinho, por exemplo, relembra a intensa demanda pelo produto no início da década de 1990, para acelerar sua fabricação, e não depender tanto de mão de obra, adaptou uma serra a um motor, fazendo uma serra elétrica para cortar o bambu que antes serrado manualmente. Além disso, ainda adaptou um moinho de feno e o transformou em moedor de barro e carvão, que antes eram triturados manualmente por um porrete de madeira em um pilão. Além de ter inventado um pilão elétrico, com dois compartimentos, para pilar a pólvora

também adaptou roldanas a um motor antigo de carro para enrolar o cordão encerado no bambu.

Essas dinamizações das técnicas de produção facilitaram o trabalho de alguns espadeiros, como resultado tiveram suas produções aumentadas graças a esses instrumentos projetados e construídos a partir de suas capacidades de criativas e da necessidade de tornar a produção das espadas menos cansativa. Vale ainda ressaltar que a grande maioria dos produtores ainda continuou a produção do artefato de forma manual, não usufruindo dessas facilidades garantidas pelas novas máquinas.

Embora ocasionasse uma rotina estafante, cansativa e de muitos riscos, as formas de produção de espadas eram também espaços de sociabilidade, momentos em que os sujeitos produtores, além da rotina de trabalho, partilhavam suas preocupações, alegrias, dificuldades; eram momentos de dividir experiências de vida, tanto relacionada aos ensinamentos do ofício de espadeiro, como no seu dia-a-dia. O espadeiro Zé Lagoa explica esses laços de sociabilidade ao dizer:

Pense numa higiene mental fazer espada, um bocado de homem contando um monte de mentira, começa a comer água e sai história do arco da velha, eu tenho um cunhado mesmo que eu me pocava de dar risada com as histórias dele... Mais é bom de mais... Eu sempre digo: o ano só começa depois do São João! Passou ali, você lavou a roupa suja depois do São João, vida nova depois do dia 01 de julho. Eu sempre pensei assim (ROCHA, 2012).

Assim como descreve Zé Lagoa, alegrias e trabalho partilhado povoaram o universo desses espadeiros que dedicavam horas do seu dia e muita força de trabalho para a fabricação desse artefato. Desenvolveram uma dinâmica peculiar para os festejos juninos na cidade de Cruz das Almas, motivaram os moradores e visitantes à apreciação desses fogos, ocasionando o crescimento do seu consumo. Além dos vínculos construídos através da relação de trabalho, na produção de espadas, os laços sociais estabelecidos, os vínculos de amizade e o espaço para divertimento também eram encontrados na dinâmica produtiva.

As memórias do depoente Zé Lagoa apontam para um universo onde as experiências de uma rotina de afazeres eram partilhadas com a possibilidade da interação, as expectativas que

giravam em torno dos dias da festividade motivavam os espadeiros a fazerem desses momentos de produção do artefato um ambiente de divertimento, assim, “[...] a memória é um recurso importante para a transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades” (DELGADO, 2006, P,17).

O período dos festejos juninos era transformado na espera por dias de renovação da rotina e ânimo para os períodos subsequentes após a festa. Essas vivências, partilhadas e renovadas, eram ressignificadas e atualizadas pelas motivações dos espadeiros, o que garantia a possibilidade da manutenção da prática da produção de espadas:

Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória gira em torno do passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias que escolhemos para recordar e relatar [...], e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo (TONSOM, 1997).

As reflexões de Alistair Tomson nos ajudam a compreender os mecanismos da memória expostos no processo de produção das espadas, vinculados às redes de sociabilidade diretamente, mas também servem pontuar a especificidade de outra categoria de espadeiros, esses denominados espadeiros consumidores ou brincantes. Esses sujeitos, diferentemente dos espadeiros que apenas produziam não eram vinculados à fabricação, e sim ao consumo dos fogos, eram os responsáveis pela sua compra e uso. Eles fizeram como que a produção aumentasse significativamente e alteraram a forma como a fabricação se dinamizou. Neste grupo também podem ser inseridos alguns espadeiros-produtores, porque a maioria dos que produziam também consumiam os artefatos, entretanto, os espadeiros-consumidores são constituídos, essencialmente, por aqueles que nunca produziam, mas que apenas compram dos fabricantes.

Esses eram considerados os brincantes da festa, os que faziam usos do artefato pirotécnico, pelas ruas de Cruz das Almas, tanto nos dias que antecediam como no dia específico, dedicado a São João. Durante o mês de junho, período da utilização de espadas, eles geralmente usavam esses fogos nos chamados “testes de espada”, eram os momentos para

avaliar as espadas que já estavam prontas, os testes eram feitos durante a noite ou na madrugada, embora fosse proibido o uso das espadas era comumente aceito uma semana antes da festa e especificamente nos dias 23 e 24 de junho, como é sabido, a véspera e o dia de São João, respectivamente.

O dia do teste, acima referido, era conhecido na cidade bem como o Casamento do CEAT, essa sigla refere-se a uma das escolas mais antigas de Cruz das Almas, o Colégio Estadual Alberto Torres. Segundo o ex-diretor do colégio, o professor Antônio Batista, esse casamento originou-se no final da década de 1970, através de um projeto pedagógico intitulado São João na Roça, que tinha como interesse despertar os alunos para a cultura popular através de atividades relacionadas aos festejos juninos, dentre elas: comidas típicas, quadrilhas, danças e o “casamento na roça”.

O momento do Casamento do CEAT era considerado o grito anunciador do São João, principalmente porque não se restringia a ser um típico “casamento na roça”. O “casamento na roça” é herdeiro de antigas práticas, realizadas principalmente no interior do Brasil, através de cerimônias de matrimônio que eram feitas de acordo com relações sociais aceitas pelas famílias. Relações matrimoniais dessa natureza foram se tornando usuais no Brasil e passaram a ser, durante muito tempo, um dos elementos constituintes dos festejos juninos – lembrando que durante o mês de junho são comemorados, respectivamente nos dias 13, 24 e 29, Santo Antonio, São João e São Pedro.

Geralmente, uma semana após o casamento do Colégio Estadual Alberto Torres (CEAT), chegavam os dias 23 e 24 de junho, tão esperados pelos brincantes da festa, era o momento aguardado com mais ansiedade por uns e temido por outros moradores de Cruz das Almas. Todo arsenal de milhares dos artefatos pirotécnicos eram destinados a serem utilizados nesses dois dias. Aos poucos, com o passar dos anos e o intenso aumento na produção de espadas, as famílias foram abandonando o costume de acender fogueiras nas portas das casas e o predomínio dos festejos foi centralizado na queima de espadas. Monsenhor Neiva salienta essa transformação ao nos relatar que:

A festa junina no seu contexto no seu conjunto tinha esses momentos de alegria, momentos de euforia e como se diz, como diz o povo de viver a tradição das festas juninas... Mas que eram batalhas a preço de espadas. Eu me hospedava na casa de minha sobrinha e quando eu voltava pra casa era nove, nove e meia da noite e passava por cima das milhares de espadas que estavam aqui queimadas todo ano e cada ano a coisa foi tomando uma característica de muita violência foi deixando de ser aquela festa de conagração das famílias da partilha das alegrias da festa junina com os apoiozinhos do licor, que era normal era natural fazia parte, depois a cidade foi crescendo se desenvolvendo o progresso veio chegando e ficou assim marcada pela descaracterização desses aspecto visual habitacional (NEIVA, 2012).

As ações dos tocadores de espadas passaram a predominar as práticas em torno das formas de comemorar a festa, ressaltando que existiam outras formas comemorativas, como as visitas as casas dentre outros. Neste sentido, também podemos compreender que os espaços utilizados para as festas só se definiam na medida em que havia interação das pessoas, os espaços não podiam estar dissociados das práticas dos sujeitos, “[...] o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”<sup>6</sup>. Esta colocação de Harvey sugere que evidências do relato acima permitem compreender que havia percepções de diferentes temporalidades, nas quais eram operadas transformações nas festas que dinamizaram as formas e os sentidos como ela era realizada pelos seus participantes.

### **O dia 24 de junho e a batalha de espadas**

A Batalha de Espadas, como o momento mais importante das comemorações juninas, era a ocasião mais aguardada, sobretudo por ser o momento em que os espadeiros saíam pelas ruas para manusear os fogos. Além disso, tornava-se o momento de partilha, no qual a exibição do artefato era o auge, sua queima fazia parte da brincadeira de corajosos que se aventurassem a prática. Na véspera de São João, dia 23 de junho, muitos dos espadeiros,

---

<sup>6</sup> HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1992, p. 187.

antecipando a batalha principal, saiam pelas ruas da cidade para tocar<sup>7</sup> suas espadas, socializar com amigos e conhecidos que encontrassem nas ruas.

Os convites e desafios entre os grupos eram firmados em muitos suportes: cartazes, provocações entre amigos e desconhecidos, até para-brisa de automóvel, , serviam para divulgar a atmosfera na qual circundavam o clima e a motivação de participar da Batalha de Espadas. Era uma espécie de convocação para que os guerreiros, acostumados com a prática, pudessem ir participar da Batalha do dia 24 de junho, assim como para aqueles visitantes que tivessem a curiosidade de conhecer esse momento da festa junina de Cruz das Almas.

A Batalha sempre começava entre duas e três horas da tarde e só terminava pelas oito horas da noite. Durante esse tempo se concentravam na Praça Senador Temístocles centenas de homens e mulheres vestidos em sua maioria com casacos jeans ou de couro, botas e luvas para se protegerem do fogo das imprevisíveis espadas, a praça, então, era tomada pela cortina de fumaça que esses artefatos produziam. As árvores eram os lugares prediletos para os brincantes se protegerem do impacto ou da chama de uma espada. Ao anoitecer as luzes da praça eram apagadas, provocando um ar de mistério só quebrado pelo clarão de um dos artefatos que, quando acesos, produziam um jato de fogo proporcionado pela queima da pólvora misturada à limalha de ferro. Como podemos observar na imagem abaixo:



**Figura 8: Germano Dias Gomes. Guerra de espadas na Praça Senador Temístocles<sup>8</sup>.**

---

<sup>7</sup> Tocar era a prática de acender ou queimar o artefato pirotécnico, e depois do impulso tomado pela combustão da pólvora os espadeiros e faziam malabarismos com o artefato simulando ou soltavam para esses adquirirem vida e sair riscando o chão.

Essa intensa queima do artefato acontecia durante toda à tarde do dia 24 de junho e se estendia até a noite. Variados tipos do artefato podiam ser encontrados na guerra, sobretudo pela quantidade de fabricantes existentes e que utilizavam materiais variados, como a boca de cor e o assobio, para diversificar sua produção. Além da exibição das espadas, existia uma espécie de disputa onde os espadeiros apresentam os melhores artefatos produzidos, enquanto que os critérios de avaliação também levavam em conta a utilização de técnica mais apurada, o que conferia ao ganhador a conquista de mais prestígio entre os outros espadeiros e espectadores.

Muitos eram os momentos de pilhéria entre os espadeiros, principalmente quando uma das espadas não pegava o impulso necessário, então era chamada espada “mijona”<sup>9</sup>, ou então ganhava grande propulsão e era chamada de “foguetes”. Muitas vezes, porém, acontecia de explodirem, causando queimaduras, ou até mesmo mutilações em quem os manuseava. Quando um dos artefatos era barrado por algum obstáculo os brincantes iam retirá-lo chamando esse ato de “desencovar”.

Assim, a Batalha de Espadas foi sendo realizada, tornando-se cada vez mais perigosa, principalmente no início dos anos 1990, a partir do momento em que muitos jovens se aventuraram a fabricar o artefato sem ter conhecimento do modo correto como eles deveriam ser feitos. É o que diz Seu Mundinho:

E se ela estiver muito fraca, como saem dizendo ai, ah essa espada mijona, que fica rodando pelo chão tem que fazer o que? Apertar a broca, se a gente não tem certeza do que está fazendo faz de qualquer jeito, aí acontece os acidentes, por isso que era preciso as pessoas pra fabricar espadas, principalmente pra outras pessoas ele teria que ter noção, teria que ter até um cursinho, sabe? Ter um curso com pessoas que tem conhecimento a fundo porque tem como explicar (NEVES, 2012).

<sup>9</sup> GOMES, Germano Dias. São João em Cruz das Almas. Disponível em: <[www.saojoaodecruz.com.br](http://www.saojoaodecruz.com.br)>. Acesso em: 10 jul. 2008.

<sup>10</sup> Esta nomeação pode estar relacionada aos fogos de artifício chamado Mijão, esse fogos caracterizam-se como fogos de categoria A, queimados no chão ao nível do brincante.

A partir de sua perspectiva de profissional, Seu Mundinho se responsabilizava pela boa qualidade da produção, um elemento importante, apontado pelo depoente, refere-se à responsabilidade dos fabricantes com as técnicas de produção, pois quando não eram realizadas de forma correta, aconteciam os acidentes. O depoente salienta, ainda, a necessidade de que existisse algum tipo de escola preparatória para que os novos espadeiros pudessem adquirir conhecimento sobre as técnicas de fabricação. Essa relação estabelecida com o produto final foi se alterando significativamente a partir das grandes produções dos anos 1980 e 1990, quando a quantidade de produtos passa a ser maior, devido à demanda dos novos consumidores, paralelo a isto verificamos o grande número de espadas que não apresentavam uma boa qualidade, gerando explosões e danos a quem as utilizava.

Embora a Guerra de Espadas fosse admirada por um grande número de pessoas, não é correto afirmar que sua prática fosse integralmente positiva, pois todos os anos, durante e depois de sua execução, a Santa Casa de Misericórdia Nossa Senhora do Bonsucesso recebia centenas de queimados oriundos da manifestação, alguns deles muitas vezes depois de receberem o atendimento regressavam para o “meio do fogo”.

Os aspectos relacionados aos comportamentos que causavam impressões negativas, referentes ao uso das espadas nos festejos juninos acabaram transformando a festa da cidade, principalmente, devido à produção feita em larga escala e sem qualidade. O lado violento crescia à medida que novos hábitos eram inseridos nas práticas sociais dos festejos juninos, principalmente por aqueles que tinham interesse no uso de espadas, mas não se preocupavam em garantir os mínimos cuidados com a produção e o manuseio do artefato. Como nos informou, em depoimento, o Senhor Benedito Rodrigues, que “[...] quando começaram a ir pra praça aí era que o fogo fechava [...] dá muito acidente esse negócio de espada hoje, todo mundo quer fazer, mas no tempo que era eu, o compadre Zequinha não era assim não” (SANTOS, 2012).

Entre os relatos oferecidos através das recordações dos participantes do festejo junino, algumas histórias que ainda ressoam na memória de alguns depoentes como identificação das

suas experiências, rememoraram o lado lúdico que este festejo agregava. Esses relatos estão relacionados às práticas identificadas nos vários elementos que compunham a festa junina.

## REFERÊNCIAS

ALDÉ, Lorenzo. A festa é do povo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 4, n. 45, jun. 2009.

Batalha de Espadas em Cruz das Almas. *A Tarde*, jun. 1983.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória tempo e identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.17.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1992, p. 187.

*Jornal do Planalto*. Cruz das Almas, ano 10, n. 469, 13 e 14 de jun. 1981.

José Pinheiro da Rocha (Zé Lagoa). 55 anos, eletricitista. Entrevista realizada em 07/01/2012, Cruz das Almas - BA.

Monsenhor José de Souza Neiva, 95 anos. Padre. Entrevista realizada em 11/01/2012. Cruz das Almas -BA

Raimundo Neves Ferreira (Seu Mundinho), 74 anos. Fogueteiro/Espadeiro. Entrevista realizada em 23/01/2012, Cruz das Almas – BA.

ROCHA, José Pinheiro da. ( Zé Lagoa) Eletricitista, 55 anos. Entrevista concedida 07/01/2012, Cruz das Almas – BA.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Seu Manhoso, 78 anos, Pedreiro e Espadeiro. Entrevista concedida em 04/ 08//2012, Cruz das Almas-BA.

TOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Proj. História*, São Paulo (15). Abril 1997.